

CIDADE EM RETALHOS: montagens urbanas

projeto de exposição
por Daniel Lucas

nome completo Daniel Lucas Viana Santos

nome artístico Daniel Lucas

endereço Av. Abel Cabral, 1397. Apto 704-C. Nova Parnamirim,
Parnamirim/ RN.

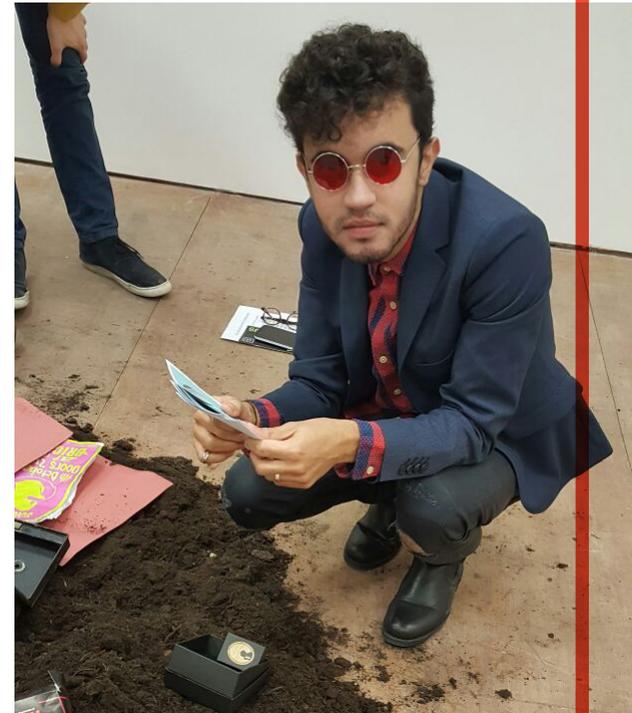
contato (84) 99909-8869
daniel.lucasviana@gmail.com

dados do proponente

Eu sou recém graduado em **Arquitetura e Urbanismo** pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Parafraseando Caetano Veloso, a cidade me atravessa: ela percorre meu corpo físico, teórico e poético. Na UFRN, cursei a disciplina **Corpo e Espaço** e desde então tenho investigado a interface **corpo - cidade**, seja por meio da produção teórica ou da linguagem artística utilizando diversos suportes. Me interesso por diferentes mídias e processos de criação, principalmente a performance (associada ao trabalho com vídeo e fotografia) e o desenho de rua. Também tenho desenvolvido experimentos utilizando a aquarela e desenho com marcador sobre papel. Venho recentemente trabalhando com a montagem, dispondo imagens em relação, inspirado pelos trabalhos de Aby Warburg, Walter Benjamin e Georges Didi-Huberman. Tenho me dedicado a utilizar a montagem como forma de pensamento sobre a cidade e suporte para produção de narrativas urbanas. Como o corpo experimenta a cidade? De que maneira pode a imagem - para além do espetáculo - comunicar nossa vida cotidiana nas cidades? São alguns questionamentos centrais no meu trabalho atualmente.

biografia

olá :)



Duos teatro, 2013

Entre 2013 e 2015 foi aluno do Grupo de Teatro Facetas, Mutretas e Outras Histórias, tendo atuado na produção do Espetáculo **Duos** em conjunto com o grupo.

Watch performance+ vídeo, 2016

De 2015 a 2016, em intercâmbio acadêmico na Newcastle University, Reino Unido, fez o curso *Performing Research*, um workshop dedicado a propor formas de interação entre a pesquisa científica e as artes cênicas, especificamente a performance. Ainda nesse período, desenvolveu em conjunto com a artista Hannah Osborne a performance **Watch**. Os registros em vídeo e fotografia compuseram a exposição coletiva **Narrative**, na galeria Newbridge Studios, Newcastle, em maio de 2016.

PEC241 ação performativa, 2016

Em 2016, fez parte da ação performativa contra a PEC241, realizada durante a Cientec, em conjunto com graduandos do Departamento de Artes da UFRN.

trabalhos recentes

Em 2018, participou do laboratório criativo realizado pelo Museu da Memória Afetiva da Cidade do Natal, tendo a obra Aflecha na exposição coletiva **Corpo Memória Cidade - Onde está o meu afeto?**, que circulou no Espaço Duas e na Capitania das Artes, ambos em Natal/RN.

Desde 2017 participa do coletivo Urban Sketchers, um grupo internacional de desenho de observação a partir da experiência urbana. Tendo integrado o projeto de Extensão da UFRN Ribeira Desenhada, teve duas obras na exposição coletiva **Ribeira e Encosta - Desenho de Rua**, inaugurada na Câmara Municipal de Torres Vedras, Portugal.

Em 2019, a exposição foi trazida para o Brasil, tendo sido inaugurada em **Nalva Melo Café Salão** na ocasião da abertura do 1º Encontro Urban Sketchers Norte-Nordeste, no qual também atuou como membro organizador.

Aflecha
poesia+aquarela,
2018

Sem título
desenho: marcador
sobre papel, 2018



Se aceita, a instalação **Cidade em Retalhos: montagens urbanas** será a primeira exposição individual realizada pelo proponente.

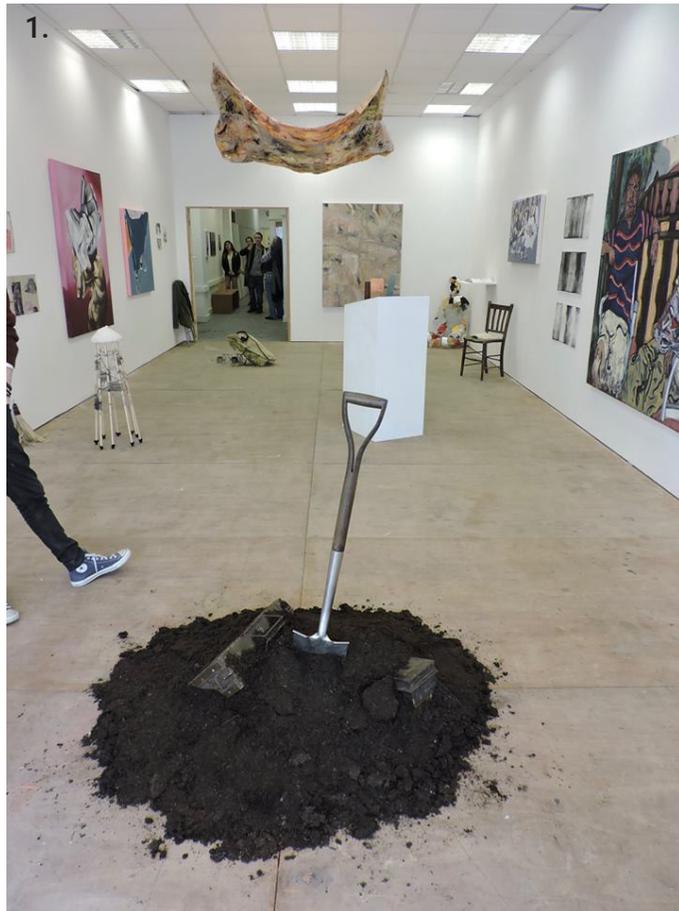


Watch

performance+
vídeo, 2016

Uma caminhada é capturada pelos olhos em uma série de imagens que se convertem em memórias. Efêmeras como o momento é, essas imagens, depois de vistas, perdem-se para sempre. Mas gravam-nos a todo o tempo, olhos sem rostos; nos observam de cima, câmeras da “sociedade disciplinar” de Foucault. “Watch” é um vídeo curto sobre presença e imagem nas nossas experiências urbanas cotidianas. É um registro da performance criada em conjunto com Hannah Osborne, em que a artista utiliza câmeras amarradas em seu corpo para gravar um percurso. A ação reorganiza a hierarquia de observação imposta pelos sistemas de segurança: ao mesmo tempo em que o momento é capturado, novas relações de poder se estabelecem.

vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WEEfrmqLneM>



2.

stooge
Presents

"NARRATIVE"

AT

NEWBRIDGE STUDIOS

ON

14TH OF MAY
7-11pm

(THE LATE SHOWS)

Newcastle University The Alumni Association www.facebook.com/stoogear www.stoogear.wordpress.com @stoogear THE NEWBRIDGE PROJECT

Narrative,
exposição coletiva.
Newbridge Studios,
Newcastle, Reino Unido.
maio de 2016

1. visão geral da exposição
2. cartaz de divulgação
3. sala de exibição do vídeo





Joanisa Prates



Joanisa Prates

PEC241

ação performativa, 2016

No dia 20 de outubro de 2016, alunos da UFRN se uniram para realizar uma ação performativa contra a PEC241 que previa o congelamento nos investimentos na área da saúde e da educação por 20 anos.

Não reconhecendo a legitimidade do governo do mister #ForaTemer e discordando das medidas adotadas pelo mesmo, os alunos propuseram a realização de uma ação performativa durante a CIENTEC 2016, na UFRN, dialogando com as questões discutidas sobre a PEC241 e suas consequências para o país.

Esta performance configura-se como uma ação artística e política de resistência, através da sugestão de imagens e ações simbólicas que questionam o contexto político que vivemos.

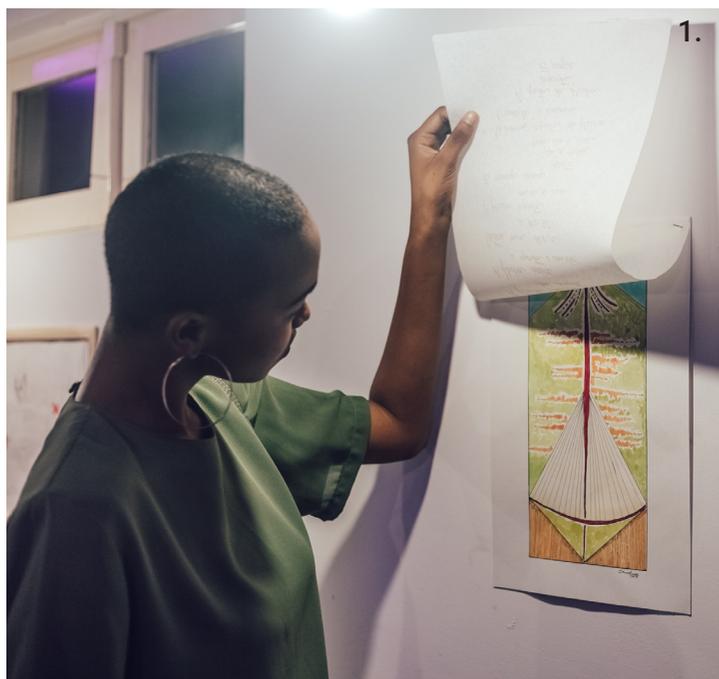
fotografias e texto por Joanisa Prates.

Aflecha

aquarela sobre papel,
29,7x42cm, 2018

Corpo Memória Cidade,

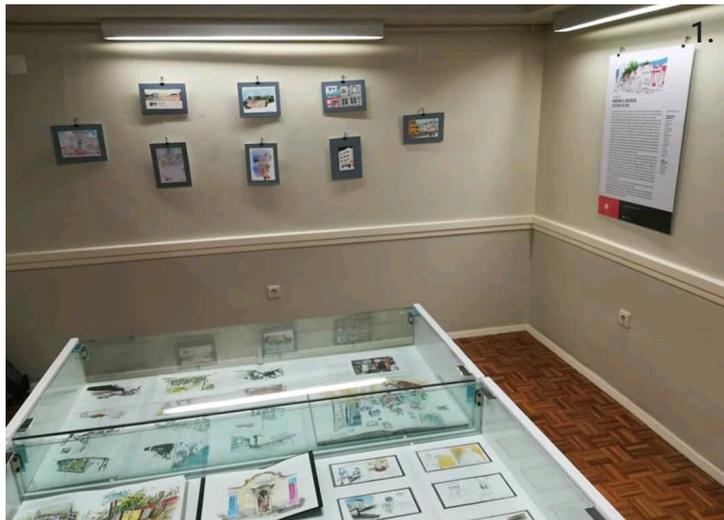
exposição coletiva
Espaço Duas &
Capitania das Artes
setembro de 2018



1. obra exposta
2. visão geral Duas Estúdio
3. Capitania das Artes
4. cartaz de divulgação

<http://mmacnatal.com/leiamais/>





Sem título

desenho: marcador
sobre papel, 2018

**Ribeira e Encosta -
Desenho de Rua,**
exposição coletiva

Câmara Municipal de
Torres Vedras, Portugal
(fevereiro de 2019)
&
Nalva Melo Café Salão,
Natal, Brasil.
(junho de 2019)

<http://www.proex.ufrn.br/noticias/29355803>

<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/caminhantes-do-desenho/449959>

<https://portalnoar.com.br/conheca-o-projeto-que-guarda-a-memoria-urbana-de-natal-nos-desenhos/>



Caminhantes do desenho

Ramon Ribeiro
Repórter

Um movimento recente, e mundial, tem dado à prática de flunar pela cidade um objetivo artístico, onde caminhantes registram em desenhos e pinturas seus olhares sobre a urbe. O que se chama de desenho de observação. Os entusiastas dessa prática se reúnem na forma de coletivos chamados de Urban Sketchers. Natal tem seu grupo de praticantes. Há pelo menos sete anos esse grupo promove encontros em pontos específicos da cidade para registrar a paisagem arquitetônica local. Uma seleção recente desses trabalhos compõe a exposição "Ribeira e Encosta - Desenho de Rua", que além dos registros natalenses apresenta desenhos e pinturas de uma cidade do outro lado do Atlântico: Torres Vedras, em Portugal. A exposição está montada no Nalva Melo Café Salão (Ribeira) e pode ser visitada até o dia 28 de junho.

EXPOSIÇÃO

RIBEIRA E ENCOSTA: DESENHO DE RUA

A exposição **Ribeira e Encosta - Desenho de Rua** congrega um conjunto de desenhos realizados no âmbito de dois eventos culturais associados a processos de regeneração urbana: **Ribeira Desenhada** (Ribeira, Natal/RN - Brasil), e **Encosta - Desenho de Rua** (Encosta de S. Vicente - Torres Vedras, Portugal).

O patrimônio cultural da Ribeira, Natal/RN é representado pelo grupo de Desenhadores Urbanos (Urban Sketchers) de Natal (BR), através de desenhos de observação apresentados sob diferentes suportes, que são fruto dos registros realizados durante os encontros vinculados a um projeto de extensão do Departamento de Arquitetura da UFRN (DARQ/UFRN). Este projeto teve como objetivos articular as atividades de desenho de in loco lideradas pelo grupo de desenhadores e discussões acerca da temática do patrimônio cultural, particularmente o Bairro da Ribeira e difundir/publicitar as atividades realizadas, em prol da discussão sobre o reconhecimento do bairro como patrimônio cultural da cidade.

"Encosta - Desenho de Rua" é uma ação que integra o plano de comunicação do Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano de Torres Vedras (PEDU), sob a responsabilidade da Câmara Municipal de Torres Vedras. Esta atividade de desenho de observação, divide-se em dois momentos distintos, mas complementares. Num primeiro momento, decorrem as Residências Artísticas, com a participação de desenhadores residentes que durante uma semana têm a oportunidade de imergir no território da Encosta de S. Vicente, registrando nos seus cadernos a realidade física e social que caracteriza a identidade daquele lugar; num segundo momento, dá-se o Encontro Nacional de Desenho de Rua, trazendo à Encosta um conjunto de desenhadores, vindos de todo o país que, durante um dia, convivem com a comunidade local, percorrendo as ruas, pátios, becos e travessas, ilustrando assim a paisagem urbana e social da Encosta. Os desenhos da Encosta de S. Vicente, apresentados nesta exposição, foram realizados durante as Residências Artísticas dos cinco desenhadores convidados.

Ribeira
URBAN SKETCHERS

ENCOSTA
REGENERAÇÃO URBANA
E SOCIAL DA ENCOSTA DE S. VICENTE TORRES VEDRAS



7.



AUTORES DAS OBRAS

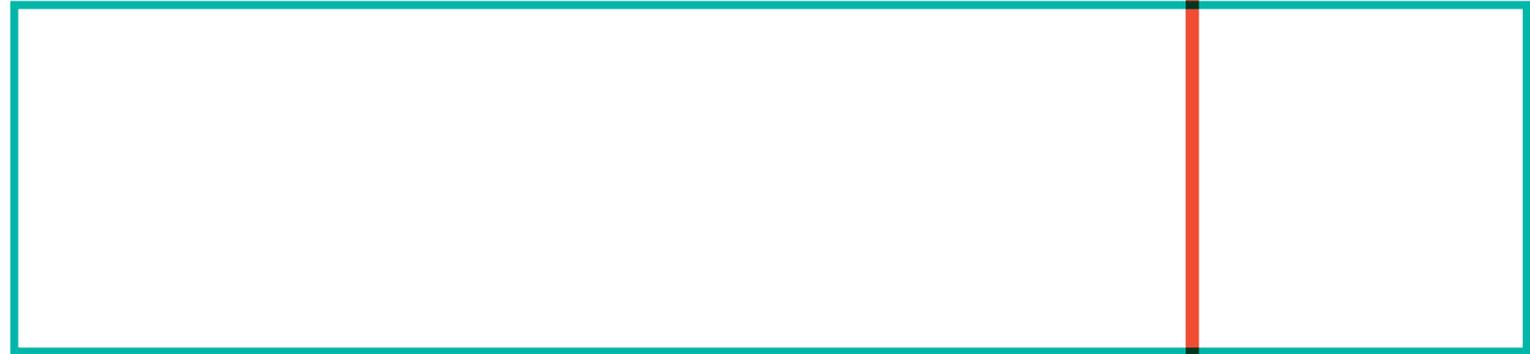
RIBEIRA DESENHADA

JOSE CLEWTON
ELINÁDIA CAVALCANTE
ANDRÉ ALVES
PETTERSON DANTAS
ARIANNE CONSTANTINO
DANIEL LUCAS
GABRIELLA CORDEIRO
LUIZ MIGUEL
RENATA FREIRE
VINÍCIUS GALINDO
MIGUEL GALINDO
LUCAS COSTA
LÍVIA NOBRE
LENILSON JONAS
ESTRELA SANTOS
MÔNICA ALVES

ENCOSTA: DESENHO DE RUA

SUZANA NOBRE
ANTÔNIO PROCOPIO
DINA DOMINGUES
LURDES MORAIS
JOSE CLEWTON

1. e 2. exposição Torres Vedras
3. cartaz divulgação Torres Vedras
4. visão geral Nalva Café Salão
5. divulgação no portal UFRN
6. cartaz da exposição
7. divulgação na Tribuna do Norte



Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não vou roubar nada de precioso nem me apropriar de fórmulas espirituosas. Mas sim, dos andrajos, dos restos: não quero fazer o inventário disso, mas permitir-lhes obter justiça da única maneira possível: utilizando-os.

Walter Benjamin
Passagens, 2009, p. 502

memorial

CIDADE EM
RETALHOS:
montagens urbanas

Muros, cercas elétricas, automóveis, falta de diálogo, violência. Em diversas partes do mundo e em diferentes culturas, vivemos em cidades onde a experiência - individual e coletiva - é paulatinamente diminuída, enrijecida, domesticada. Habitamos centros urbanos cada vez mais espetacularizados; se proliferam espaços homogêneos e cenográficos: shopping centers, condomínios, redes de fast food. Ainda no século passado, Giorgio Agamben defendeu a ideia de que a modernidade aniquilou a experiência.

Mas talvez não tenhamos sido dela expropriados. “Estamos pobres”, já havia alertado Walter Benjamin na década de 1930, atestando a pobreza da experiência, e da nossa capacidade de narrar. Mas o próprio filósofo nos impele a trabalhar com o pouco que nos resta: os restos, os farrapos, os resíduos da história. Acreditamos que a experiência sensorial não se deixa espetacularizar, mesmo que frequentemente anestesiada no turbilhão da vida (pós)moderna. Ela iniste, persiste e resiste nos interstícios de nossas cidades, cotidianamente.

Como, portanto, afirmar a relevância do corpo, e acima de tudo, a sobrevivência da experiência na cidade? Qual é o lugar dos sentidos, da copresença e da alteridade no espaço urbano contemporâneo? Para além disso, como transmitir, como narrar o vivido e a memória? Como maturar essas dimensões e transformá-las em experiência coletiva, compartilhada?

A obra *Cidade em Retalhos: montagens urbanas* é uma proposta de instalação para ocupar a Galeria Conviv'art. Ela resulta do Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFRN intitulado *Remontando o Lugar: alteridade, experiência e narrativa no bairro do Alecrim*.

De novembro de 2018 a maio de 2019 foram realizadas diferentes experiências erráticas nas ruas do Alecrim, em Natal, e do bairro da Mouraria, em Lisboa. Assumindo o caminhar pela cidade como uma prática estética, buscamos a todo tempo a construção de um *estado de corpo errante*: desorientado, lento e incorporado. O que une essas duas cidades? Quais são os processos que permitem articular as escalas do global e local, e como eles são percebidos e vividos no cotidiano?

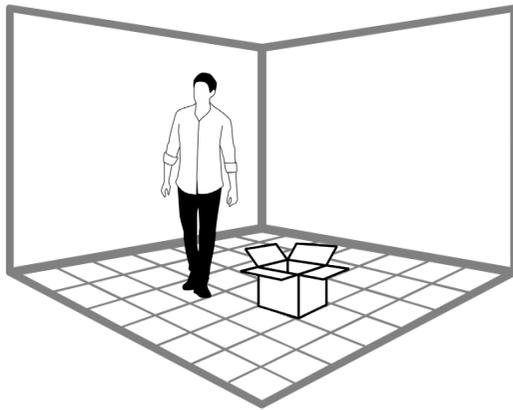
A instalação, uma grande montagem urbana, reunirá fragmentos imagéticos coletados e produzidos nessas experiências. Cerca de cem itens, entre fotografias, mapas, panfletos, anotações e diários de campo serão reunidos e dispostos na galeria, criando narrativas errantes, narrativas do corpo e da alteridade no espaço urbano. Os fragmentos, por sua vez, não são tomados por sua excepcionalidade estética, ou como diferentes obras dispostas em conjunto. A obra que se propõe é a própria realização da montagem, explorando seu caráter incompleto, parcelar e efêmero. Se busca reconhecer o poder micrológico que há nos retalhos da vida cotidiana, quando os dispomos em relação.

Utilizamos imagens para montar porque, inicialmente, elas desmontam o tempo, como afirma Georges Didi-Huberman. A montagem indica, assim, uma atitude estética: desmontar imagens/objetos/situações para então remontá-los, construindo nexos narrativos a partir dos fragmentos dispostos; a partir da desordem.

memorial

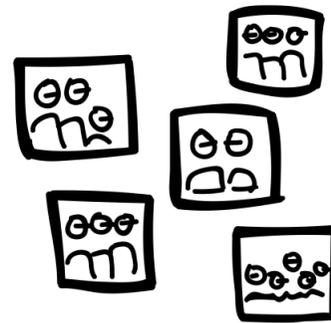
Eu, arquiteto-urbanista-praticante da cidade, adentro o espaço da Galeria. Trago comigo algumas caixas de papelão. Nelas, há diversos tipos de objetos: fotografias, cadernos de campo, panfletos, croquis, textos. São fragmentos, objetos do cotidiano coletados e produzidos durante o processo de pesquisa.

Meu corpo errante percorreu as ruas de dois bairros bem distantes: a Mouraria, em Lisboa, e o Alecrim, em Natal. Errando por esses lugares, presenciei histórias, apropriações do espaço público, improvisações, gestos, corpos. Registrei a experiência a partir de imagens. O que quero com tudo isso? Fazer jus ao fragmento.



plano de montagem

Retiro cada fragmento de dentro das caixas. Disponho-os ao chão, desordenadamente. Observo com calma, porém questiono: o que me diz cada imagem? Tenho alguns pensamentos pré-estabelecidos. Me permito a desorientação pela imagem. Início colocando algumas delas em relação: aqui o acaso é meu amigo, me deixo seguir pelo momento. Tenho um pequeno agrupamento. O que me levou até ele? Posso tematizar as imagens, agrupá-las por cor, por situação, por gesto. Refuto uma simples organização visual, o conflito me interessa. Tensiono as imagens com os demais materiais, proponho outras ordens, descubro nexos ainda não explorados.



Essa montagem é única. Não sei exatamente qual será o resultado final. Aos poucos, seleciono algumas imagens. Utilizo fita adesiva vermelha para fixá-las nas paredes. Não esqueçamos que essa fixação é temporária, pois à medida que incluo fragmentos, vou reordenando-os. Deixo as fitas aparentes, elas marcam o processo. Tenho algumas chapas de madeira compensada, elas relembram o trabalho de montar, desmontar e remontar que tenho realizado. Nessas chapas, incluo os cadernos que utilizei, anotações do processo, desenhos esquecidos. Mas também escrevo enquanto disponho.

Ocupo uma das paredes com painéis de cortiça vazios. Utilizando a mesma fita, fixo-os nas paredes. Deixarei aqui mais fragmentos, os que não utilizei até então. Esse é um trabalho coletivo: o público deve ocupar esses painéis de cortiça com os fragmentos disponíveis. Aqui o processo de remontagem será constante durante todo o período da exposição.

Por fim, marco o percurso da montagem com a mesma fita vermelha. Ela entrelaça os fragmentos, e também cria áreas demarcando as chapas apoiadas sobre as paredes. A obra está pronta para a exposição-remontagem.

Também se propõe a realização de oficinas / rodas de conversa sobre a Montagem como método de trabalho. Elas aconteceriam durante o período da exposição, inclusive para a realização de montagens em conjunto. O público alvo seria prioritariamente a comunidade acadêmica da UFRN de diferentes cursos .

